

QUEM TEM MEDO DE FERNANDO PESSOA?

Carlos Felipe Moisés
(Univ. Est. de São Paulo)

Nesta altura dos acontecimentos até o menos avisado dos leitores já terá saciado boa parte da sua curiosidade em relação a Fernando Pessoa, o escritor de língua portuguesa sobre quem mais se escreve e de quem mais se fala ultimamente. Em consequência disso, para citar só um exemplo, a outrora célebre questão dos heterônimos se tornou lugar-comum: de tanto ouvir falar, todos parecem aceitar como banalidade o fato de que Fernando Pessoa, além de ser "ele-mesmo", é também, e simultaneamente, Ricardo Reis, Bernardo Soares, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Alexander Search e outros mais - cada um com seus temas, concepção e estilo próprios. E eu não sei se a questão chegou a ser explicada satisfatoriamente. (A quem ainda esteja interessado em ver os heterônimos como questão em aberto, sugiro a leitura do meu artigo "Pessoa: o buraco negro", no número de novembro de 1985 de "Leia Livros").

Em todo caso, fala-se e escreve-se tanto que qualquer leitor já terá pelo menos decorado algumas das frases lapidares, axiomáticas, que o poeta espalhou ao longo da obra, desde as famosíssimas "O poeta é um fingidor", "O único mistério é haver quem pense no mistério" ou "O mito é o nada que é tudo", até as menos famosas "Triste de quem é feliz" ou "Fingir é conhecer-se", passando pelas menos cotadas, porque difíceis de decorar, "Sem a loucura, que é o homem mais que a besta sadia, cadáver adiado que procria?", "Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada, é livre; quem não tem, e não deseja, homem, é igual aos deuses" etc.

Tais frases, facilmente compreensíveis em seu sentido literal (mas sempre enigmáticas e paradoxais), nos dão a sensação de que estamos diante de algo seguro e definitivo, diante de certezas inabaláveis, e isso na pior das hipóteses, já é confortante. O fato de ser uma sensação falsa, do que muitos leitores nem se dão conta, não perturba o prazer de usufruir o sentido atraente e original das frases, e continuamos todos a degustar a instigante poesia de Fernando Pessoa... Pessoa, quem mesmo? Ah, o dos heterônimos, o das frases lapidares...

Além disso, estou pondo de lado o tipo de leitor cujo interesse por literatura tem algo de voyeurismo e bisbilhotice. Esse sabe que Pessoa ficou órfão de pai aos 6 anos e que a mãe se casou de novo, em seguida (e tome Freud: relação edipiana, complexo de rejeição e castração etc.); sabe que o menino Fernando Antônio vi-

veu dos 7 aos 16 anos em Durban, perto da hoje tristerente farosa Cape Town, na África do Sul, onde recebeu uma educação ainda mais britânica do que a ministrada aos jovens súditos da Rainha Vitória na Velha Albion (ah, por isso então o "Estrangeiro aqui como em toda a parte?"); sabe também que, de volta a Portugal, ele jamais deixou Lisboa, vivendo de forma modesta como correspondente de firmas estrangeiras; sabe ainda que não há nada de escandaloso nessa existência frustradoramente pacata - sua única aventura amorosa limitou-se a cartas ("ridículas?") que escreveu à menina Ofélia; sabe enfim (para pôr um fecho nisso, ou não saímos daqui), que Pessoa foi muito chegado a Ocultismo, Astrologia, Teosofia, Maçonaria; teve um único vício, a farosa aguardente lusitana, de velha cepa, sistematicamente ingerida em boas doses diárias, e morreu disso, uma crise hepática (cirrose).

Muitas dessas informações serão aquisição recente para alguns leitores, que talvez nem tivessem ouvido falar do poeta poucos meses atrás. É que o cinquentenário da morte vem sendo celebrado a contento, como é praxe entre nós, e poucos escapam: cursos, conferências, seminários e congressos; números especiais de revistas, suplementos e páginas literárias; edições comemorativas etc. Nossa imaginação é infinita quando se trata de festejar datas redondas e vultos de prestígio, que dão prestígio. Por isso é fácil prever o resto: selos, medalhas, placas, estátuas, solenidades várias e muito discurso grandiloquente. É que pouca gente entre nós resiste à tentação: a confraria já de si numerosa dos especialistas em Fernando Pessoa deverá ganhar adeptos em penca. Se o leitor já está farto disso, prepare-se para dose ainda maior, muito breve: no dia treze de junho de 1988 comemora-se o centenário do nascimento do poeta.

A conclusão é uma só: Fernando Pessoa está na moda. Não só, mas também... Não se trata de moda tão passageira quanto os festejos do cinquentenário fariam supor, pois tem crescido firme nos últimos 10 ou 15 anos e promete durar ainda algum tempo. E é disso que pretendo tratar aqui. Não vou aborrecer o leitor com mais uma interpretação, nem com a descoberta de inéditos, nem com a revelação de mais uma bisbilhotice. Convido o paciente leitor, que já tenha alguma familiaridade com o poeta dos heterônimos, a refletir comigo sobre a sua fortuna crítica, isto é, sobre a repercussão da sua obra, sobre o tipo de consumo que temos feito dessa poesia criada entre Durban e Lisboa, dos anos 10 aos anos 30 deste século. A perspectiva que proponho parte de fora para dentro, tem que ver com a história da cultura e a sociologia literária talvez diga mais respeito a nós mesmos do que a Fernando Pessoa - mas não estou interessado em teorias. Apenas alimento uma forte desconfiança a respeito disso tudo, e desejo passá-la ao leitor.

Quando da sua morte, Pessoa era um poeta escassamente conhecido. Tinha publicado apenas um livro em português (Mensagem, 1934), quatro magras coletâneas de versos em inglês (1a. edição em 1918; 2a., com o título English Poems 1-2-3, em 1921) e duas ou três centenas de poemas e ensaios, em jornais e revistas de circulação limitada. Em 1935, cerca de dois terços da sua produção estavam rigorosamente inéditos. Só a partir de 1942, a Editora Ática, de Lisboa, começou a publicar a sua Obra Com-

pleta: até hoje, onze volumes de poesia, nove de prosa, mas sabe-se que muita coisa ainda permanece inédita, no fundo da farosa arca, hoje sob guarda da Fundação Gulbenkian, em Lisboa. Até os anos cinquenta, era reduzidíssimo o público que tinha acesso a Fernando Pessoa: críticos, professores, outros poetas. Mas em 1958 começa a sua divulgação no Brasil, através de uma antologia organizada por Adolfo Casais Monteiro, para a Coleção Nossos Clássicos da Editora Agir, e na mesma época o antigo Instituto (hoje Centro) de Estudos Portugueses da USP promove os primeiros cursos universitários sobre o poeta português.

Nos anos sessenta, enquanto em Portugal Pessoa continua a despertar o mesmo interesse moderado de antes, no Brasil começa a haver um entusiasmo crescente, que nos últimos 15 anos se transforma em avalanche. Refiro-me à quantidade surpreendente de estudos, artigos, ensaios, monografias, teses, livros inteiros produzidos nesse período, dedicados exclusivamente ao poeta. Quem quisesse estudar Pessoa até cerca de 1970, podia recorrer às interpretações hoje clássicas de Jacinto do Prado Coelho (Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa, 1949), João Gaspar Simões (Vida e Obra de Fernando Pessoa, 1951), Mário Sacramento (Fernando Pessoa: Poeta da Hora Absurda, 1959) e pouco mais. Hoje, o candidato a estudioso se sentirá perdido diante da enorme quantidade de livros e etc. existentes sobre o poeta português. Para atenuar a dificuldade, pode-se lançar mão do levantamento parcial realizado por José Blanco (Fernando Pessoa: Esboço de uma Bibliografia, 1983), que relaciona nada menos que 1312 (!) estudos sobre os mais variados temas da poesia pessoana.

Isto é um fenômeno único em nossa tradição literária. Não há notícia de qualquer outro escritor de língua portuguesa que, em tão pouco tempo, tenha suscitado um número tão avantajado de comentários, estudos, análises e interpretações, sem contar o que circula oralmente em salas de aula ou em salões de congressos e simpósios - e sem contar, ainda, o grande número de traduções para francês, espanhol, inglês etc., o que já seria outra história. Como explicar isso? Como explicar, também, que esse verdadeiro culto a Fernando Pessoa tenha começado no Brasil e seja, ainda hoje, mais intenso aqui do que em Portugal?

De início, gostaria de descartar os fatores extrínsecos, que são basicamente três. Primeiro, esse culto a Pessoa, entre nós, coincide com a chegada do poeta aos meios de comunicação de massa, através de Caetano Veloso, Maria Bethânia e outros. Não é nada desprezível o número de brasileiros cujo primeiro contato com Pessoa se deu através do fado faroso "Navegar é preciso, viver não é preciso" ou dos vários poemas de Caetano e Campos que Bethânia inseria em seus espetáculos, nos idos de sessenta, depois multiplicados em discos, aos milhares. (E agora, com a adesão de Tom Jobim e Arrigo Barnabé, ninguém segura o poeta...) Segundo, isso tudo coincide também com a expansão da rede universitária brasileira, que resultou na multiplicação abusiva dos cursos de Letras no País, em cujos programas, de graduação e de pós-graduação, Pessoa tem lugar cativo. Por fim, não é mero acaso que a intensificação desse culto, no Brasil, coincida com o longo período de trevas do regime militar, sobretudo a partir de 1968. Muito do que encontrávaros na poesia pessoana (encontrávaros ainda?) pare-

cia comentar os acontecimentos em redor: raiva e indignação, ironia e transcendência, lucidez e amargura; mas também sonho e evasão, desespero e tédio, e por aí vai. (Pessoa é, sem dúvida, um poeta sem sotaque; ao ler o "Poema em linha reta" ou o "Adiamento" ou o "Guardador de rebanhos", um brasileiro dificilmente sentirá estar diante de um escritor lusitano).

Não sei se o leitor já terá pensado nesses fatores; acredito que todos lhe pareçam plausíveis - a mim, parecem. Mas penso que são insuficientes para explicar a avalanche e o culto. O quadro só estará completo se for possível encontrar fatores intrínsecos, isto é, razões provenientes do próprio teor da poesia pessoana, que expliquem o endeusamento de que o poeta tem sido alvo nos últimos anos. Quanto a isso, vou arriscar uma hipótese - a desconfiança de que falei no início.

A poesia de Fernando Pessoa é surpreendentemente original, ao menos para os nossos hábitos literários, para a nossa tradição poética, em que predomina o lirismo sentimentalista. Sua originalidade está em que é uma poesia compacta e medularmente intelectualizada, no sentido literal de que é fruto da inteligência raciocinante. O discurso engendrado por Pessoa, de um rigor lógico exemplar, é cerradamente reflexivo e, sobretudo, questionador, indagador. Fernando Pessoa, poeta, fala uma linguagem cética e relativista, como se fosse... um filósofo. Nós não estamos habituados a isso. Poesia, para nós, é tradicionalmente a linguagem dos sentimentos e das emoções; poeta para nós, é o indivíduo que se extasia diante da realidade, exterior ou interior, e nos leva a reproduzir, durante a leitura um estado de espírito serrelhante. Pessoa, não.

Pessoa nos impele fundamentalmente a pensar, a raciocinar, e não apenas a vivenciar emoções; a pensar e a raciocinar sempre na direção de dúvidas e perplexidades existenciais que, obsessiva e sutilmente analisadas, conduzem a mais dúvidas que conduzem a mais dúvidas: ceticismo e relativismo. Além disso, tirante a exceção que é Ricardo Reis, o heterônimo horaciano, de sintaxe e vocabulário eruditos, a linguagem de Fernando Pessoa é sempre clara e meridiana, direta, enganadoramente simples, livre do malabarismo retórico, alarbicado e artificial, de que padece grande parte da poesia d'aquém e d'além-mar. E eu vejo nisso tudo uma boa, uma forte razão para explicar o inusitado fascínio que essa poesia exerce sobre nós - todos nós, brasileiros ou não.

Mas é preciso assinalar, ainda, que esse pendor racionalista da poesia pessoana faz da sua leitura um exercício intelectual altamente instigante. Pessoa não nos acaricia a sensibilidade nem nos convida ao devaneio, mas simplesmente provoca, desafia nossa capacidade de compreensão, de análise, de raciocínio. Não há leitor que não se sinta inteligente ao lê-lo - mas isso ninguém ousou confessar, até que Virgílio Ferreira, esse grande romancista e ensaísta português, o fizesse; não há leitor que resista à tentação ou à compulsão de, já durante a leitura, começar a falar, a escrever ou ao menos a pensar no intuito de desdobrar os subentendidos, explicar e interpretar os enigmas, os paradoxos e tudo o mais que integra a lógica cerrada do poeta - que, no entanto, não faz senão indagar e indagar, sem resposta para coisa al-

guma. Mais do que instigante, a poesia de Pessoa é um verdadeiro psico-estimulante, tão poderoso quanto qualquer droga farmacológica e com a vantagem de que, em princípio, não gera dependência física. A capacidade excitante dessa poesia é de tal ordem que se transfere, embora em escala reduzida, aos seus comentadores, muitos dos quais se limitam a glosar, repetidas vezes, os comentários precedentes. A poesia de Fernando Pessoa, em suma, é um excitante efficientíssimo, que nos deixa intelectualmente drogados e nem perceberos.

O resultado é um paradoxo. Trata-se, sem dúvida, de uma poesia difícil, complexa, enigmática - que eu saiba, ninguém até hoje ousou dizer o contrário; no entanto, escrever sobre Pessoa é mais fácil do que escrever sobre qualquer outro poeta. É só permitir que atue, sem reserva, aquele efeito psicoestimulante. Não há leitor que não se sinta capaz de deitar falação interminável sobre Fernando Pessoa, e achando sempre que encontrou a chave secreta, a explicação definitiva.

Ocorre que, sob o efeito excitante da dialética pessoana, todos nós, em nossas interpretações "definitivas", tendemos a lidar com instâncias terráticas, categorias mentais e padrões lógico-reflexivos fornecidos pelo próprio poeta, e só fazemos repetir o já dito, na ilusão de termos decifrado o enigma. Quem tiver a paciência de ler a prodigiosa massa de estados críticos já perpetrados sobre Fernando Pessoa encontrará aí um pouco disso tudo: pseudocríticas, pseudoexplicações, simples ecos da voz do poeta. Seria interessante investigar o porquê disso; creio que tem que ver com nossos hábitos mentais, com a inércia da nossa tradição cultural. Mas estou mais interessado nas conseqüências do que nas causas do fenômeno.

Esse estado de coisa confirma a impressão de que Pessoa é um poeta difícil, complexo, hermético. (Mas encoberto por essa camada espessa de explicações que pouco explicam, que poeta não se tornaria hermético?) E está criado o círculo vicioso. Todo leitor bem intencionado sabe que o correto entendimento de uma obra literária, ou o eventual caminho que leve a isso, exige algumas leituras paralelas: sobre o movimento artístico, sobre a realidade social da época etc. E, claro, é preciso conhecer também o que já se escreveu a respeito. Ora, grande parte da crítica que tem sido produzida sobre Fernando Pessoa parece lançar esse leitor num emaranhado de referências e pistas complicadíssimas (esoterismo, Cabala, Sebastianismo, Interseccionismo, Astrologia, Psicanálise, mais um grande número de filósofos, de Platão a Wittgenstein, e a parafernália terminológica do Estruturalismo, da Linguística, da Semiologia etc.) que adquirem valor em si e por si. Pessoa se transforma em pretexto para lucubrações mais ou menos engenhosas, de escassa utilidade; em pretexto para sofisticados exercícios mentais, ou quase, de resultado menos que incerto. Que faz o leitor bem intencionado? Simplesmente desiste; retorna ao poeta e se limita a degustá-lo, para consumo próprio.

Se humilde e/ou indolente, ele julgará que a crítica literária está muito além da sua capacidade intelectual; se arrogante, dirá que a crítica é uma farsa inútil. Em qualquer caso, estará talvez irremediavelmente desestimulado a ensaiar uma investigação a sério no universo pessoano, isto é, na poesia e na fortuna crítica

dessa poesia, tão formidável é o volume de erudição que seria obrigado a deglutir, um pouco às cegas; tão denso é o nevoeiro que a tradição recente (repito, isto é coisa dos últimos 15 anos) depositou sobre o poeta. Como explicá-lo?

Basta reavivar um pouco a memória para chegar a alguma resposta. Tudo isso representa o que fizemos e estamos fazendo a Fernando Pessoa, transformando-o em objeto de culto, endeusando-o, mi(s)tificando-o. Pois bem, algo muito parecido aconteceu a outro grande poeta da língua: Camões. Quatro séculos nos afastam do poeta renascentista, meio século nos separa de Pessoa. Quem, hoje, lê Camões, a não ser por obrigação? E quem desconhece Camões? Mas que "conhecimento" temos nós de Camões a não ser aquela enfiada de lugares-comuns, frases retóricas cheirando a naftalina, retiradas do baú nas ocasiões solenes? Isso pode vir a acontecer um dia a Fernando Pessoa? Temo que sim. Seus restos mortais não repousam já, no Mosteiro dos Jerônimos, ao lado de Camões? (Quando previu, em 1912, o aparecimento de um "supra-Camões", isto é, quando previu o seu próprio aparecimento, Pessoa sabia muito bem de que estava falando, sabia a que espécie de tradição estava condenado a pertencer).

Camões, há muito tempo, faz parte da tradição e lá descansa em paz; há muito não tocamos nele, a não ser para reverenciá-lo a cada cem anos - e ele a quantos tocará? Tradição é o patrimônio comum, é aquilo que todos conheceros e que nos mantém enquanto coletividade. Tradição é o universalmente consagrado, é o arquisabido que não carece de ser(re)pensado. Por isso, desde o início do século, romperos com ela, periodicamente, e ela aí está... cada vez mais firme do que antes. Tradição é o triunfo da redundância, pois tradicional é tudo aquilo que a tradição consagra como tal, é tudo aquilo que a tradição decide que deve permanecer ali onde está, a fim de que tudo aqui permaneça também como está. Redundância e imobilidade. A tradição só é o que é porque todos nós o consentimos, embora para cada um de nós como diria Sartre, a tradição seja "os outros" - ali fora, longe e perto, cristalizada em estátua ou efígie. Por isso a fortuna crítica de Fernando Pessoa, tradição recente, insiste em conduzir o poeta dos heterônimos a esse mesmo lugar: o panteão dos heróis, vala comum, almojarifado de mitos. Por quê?

Porque assim Pessoa deixará de nos incomodar, de nos inquietar tal como Camões incomodou e inquietou por algum tempo, até que a tradição o engolissem. Mas acontece que a poesia pessoana é altamente rebelde e inconformista, verdadeiramente subversiva, embora de um tipo muito especial de subversão: discreta, subliminar, sutil. MUITÍSSIMO pouco, quase nada nessa poesia tem que ver com a irreverência debochada, a agressividade contestadora. Ele mesmo o disse, logo depois do grande escândalo que foi o lançamento da revista "Orpheu" (1915): "Passou de mim a ambição grosseira de querer brilhar por brilhar, e essoutra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer épater". Mas por isso mesmo, porque é sutil e discreta, a subversão pessoana é mais corrosiva, mais contundente, mais radical. E por isso, também (paradoxo?), mais facilmente escarroteável: tudo, ou quase tudo, nessa poesia corre por conta das intenções do leitor, já que Pessoa "muda de filosofia como quem muda de camisa", prestando-se, com isso, a que o usemos para defender ou atacar

o que quisermos.

Se o permitirmos, porém; se resistirmos ao efeito psicoestimulante dessa poesia, ela nos levará a contestar todos os valores, todas as instituições, toda... a tradição. Pessoa nos ensina a virar tudo do avesso, a partir da lição fundamental do mestre Caetano que pratica a sua "aprendizagem de desaprender"; mostra-nos, em suma, as bases falsas em que todos estamos assentados. Por isso incomoda, fascina, assusta; por isso, o que temos feito com ele não é senão um mecanismo de defesa. Mas será que é disso mesmo que precisamos defender-nos?

Daqui a três anos, o centenário do nascimento; daqui a cinquenta o centenário da morte. Até lá, Pessoa será somente uma estátua em praça pública ou alguém ainda o lerá?